

**Cintya de Abreu Vieira**

cintyadeabreusantana@gmail.com

Aluna do Curso de Psicologia da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

**Faculdade Adventista da Bahia**

BR 101, Km 197 – Caixa Postal 18 – Capoeiruçu - CEP: 44300-000 - Cachoeira, BA

Caderno de Educação e Cultura 2017  
Caderno Especial

## A PRIMEIRA ENTREVISTA EM PSICANÁLISE: UM CLÁSSICO DA PSICANÁLISE

Maud Mannoni nasceu em 22 de outubro de 1923 em Ceilão, onde viveu seus primeiros anos, depois mudou-se para os Países baixos. Estudou criminologia e psiquiatria e se especializou em psicanálise de crianças psicóticas no modelo terapêutico de Françoise Dolto. A elaboração teórica de sua experiência baseia-se em Jacques Lacan. Autora de obras como *O nomeável e o inominável*; *A criança retarda e sua mãe*; *O psiquiatra, seu louco e a Psicanálise*; *O sintoma e o saber*, entre outras. A obra *A primeira entrevista em psicanálise* publicada pela primeira vez em 1923, tem por autora do prefácio Françoise Dolto. A obra é classificada por ela como um documento-testemunho.

Mannoni nessa obra coloca o leitor em contato com a problemática dos “desajustes” na infância, principalmente no que desrespeito a problemas escolares. Logo, a autora questiona a imposição da reeducação de crianças e adolescentes, a forma como os sintomas são analisados, a posição dos pais nesse contexto e como isso está elencado com o sintoma das crianças. A obra aqui apresentada está estruturada em duas partes: a primeira contém trinta casos clínicos da primeira consulta e na segunda parte a autora extrai o sentido dos dados coletados nessa primeira entrevista.

Dolto no prefácio situa o leitor dentro de alguns conceitos importantes da psicanálise que ajudam a entender os casos enunciados, como por exemplo o conceito do complexo de Édipo. Mannoni primeiramente informa que os casos expostos são notas tomadas ao término da primeira consulta. E explicita o papel do psicanalista nesse momento, esse vai ajudar com sua presença o indivíduo organizar sua demanda, a conceber-se no seu discurso

MONNONI, Maud. **A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VIEIRA, Cintya de Abreu. **A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise**. *Revista Formadores - Vivências e Estudos, Cachoeira - Bahia, v. 10, n. 5, p. 120 - 123, nov. 2017.*

em relação a sua história, para então ter condições de atribuir um sentido. O analista propõe a tomada de posição do sujeito, por meio de um sistema que é da ordem do significante e não do que dá a significação dos distúrbios. A autora ratifica o papel da linguagem e da lei para o desenvolvimento e estruturação do sujeito, e a importância da teoria de Jacques Lacan para discutir essas questões. De acordo com a assimilação psicanalítica do que se passa na primeira consulta que os problemas colocados na obra serão discutidos, para então compreender esse encontro e quais suas implicações.

As consultas relatadas na obra são agrupadas por temas em comum, sendo eles: distúrbios escolares, dificuldades caracteriais, reações somáticas e inícios de uma psicose. De acordo com a autora, boa parte das consultas são por distúrbios escolares. É verdade que há problemas pedagógicos, mas para além disso o sintoma pode camuflar outra coisa. O psicanalista entrara em contato com a neurose familiar, que se fixa em um sintoma, que tem a criança como apoio. É pertinente identificar o que há de não comunicável em palavras que se torna imóvel e se fixa em um sintoma.

Mannoni sinaliza que é fundamental compreender a desordem familiar que há por detrás de um sintoma, o que não determina uma relação direta de causa e efeito com. O que prejudica a criança é a negação dos pais dessa desordem. O que faz mal para a criança não é tanto a situação real, e sim aquilo que não foi verbalizado, a mentira. A autora ainda afirma que se deve dar atenção as palavras dos pais, não apenas da mãe. E que a posição que o pai ocupa para a criança vai depender do lugar que ele ocupa no discurso materno. Isso tem influência na resolução do Édipo da criança e seu sucesso nos processos de sublimação.

Segundo a autora os relatos apresentados são insuficientes para se fazer uma análise detalhada, contudo fazem menção de características que se encontram em boa parte das vezes em situação neurotizante. Nas entrevistas com demandas sobre dificuldades escolares, percebe-se no discurso características do mundo fantasmático da mãe. E ainda que essa mãe responsabiliza a criança de realizar seus sonhos perdidos. Quando a criança se nega a ocupar o lugar que lhe foi reservado causa desconforto. Para os pais aceitarem a análise para o filho é preciso aceitar o desconforto de ser desalojados pelos filhos da cumplicidade da mentira. O sintoma da criança é por intermédio dos pais, para eles ou contra eles. Esse pode aparecer como uma solução ou pedido de ajuda, e a angústia é o seu motor. Para o sujeito é a busca de reconhecimento, uma tentativa de afirma-se no simbólico. Na consulta, é primordial a mensagem no nível simbólico e evitar intervir no nível real.

Os casos apresentados sobre crianças delinquentes, apontam que é preciso tratá-las antes que sejam irreversíveis. A sociedade exige do psicanalista uma receita educativa, porém é necessário priorizar a dimensão simbólica do sujeito, ajudá-lo em sua demanda para que possa dar-lhe sentido. O sintoma é uma tentativa da criança de se exprimir, e o que interessa aqui é a relação do sintoma com o mundo do sujeito. A autora aponta para a posição teórica de Lacan sobre o sintoma, para ele o sintoma se relaciona com um desejo que se direciona ao outro. Ainda, Mannoni aponta que casos de delinquência revelam uma cumplicidade mãe-filho, que tem ausência de identificação masculina, essa cumplicidade também pode se dar entre crianças e avós maternos.

Sobre reações somáticas a autora indica que a doença parece ser uma garantia para a mãe contra as suas próprias tensões libidinais, ela se inscreve em um contexto fóbico. O sintoma da criança mascara a angustia da mãe. Este serve às vezes a mãe para se eximir as solicitações do mundo exterior. A doença permite que mãe e filho escapem da situação de perigo presente na angustia. Nesses casos é importante que o médico pediatra utilize os recursos da investigação psicanalítica. É permitindo que a criança decifre seu segredo incluído no sintoma que lhe permitimos exprimir-se numa linguagem diferente da do corpo. Sobre casos de início de psicose a autora pontua que o psicótico vive ao nível do corpo toda ameaça que uma relação com outro implique para ele.

Quanto a utilização dos testes a obra faz uma análise crítica e reflexiva a respeito. Os testes na maioria das vezes são usados a serviço da reorientação da criança imposta pelos pais e pela sociedade. Tanto psicanalistas quanto psicólogos devem ter cuidado com essa prática. Por fim, respondendo a problemática: o que é a entrevista com o psicanalista? Mannoni pontua que existe uma vulgarização das noções psicanalíticas, reduzindo-as a um relacionamento de projeção do paciente para o analista. A entrevista psicanalítica vai se centrar no discurso. O que não é fácil uma vez que as pessoas usam a linguagem para mascará-lo. A entrevista com o psicanalista é um encontro, por meio de outro, com a sua própria mentira. A mentira se apresenta como sintoma na criança, o que faz mal a criança não é tanto a situação real, mas tudo o que não é dito. O analista vai por meio de um reexame da situação encontrar um caminho que seja o caminho da criança.

A autora situa o leitor nos problemas de desajuste escolar de forma abrangente. Pois, aponta as dificuldades da estrutura da educação atual, salas superlotadas com crianças desassistidas de atenção e a falta de um trabalho individualizado, professores e diretores sobrecarregados. Logo, crianças que não se ajustam ao sistema de ensino são vistas como problema. E muitas vezes são tratadas pela medicina através de fármacos. Há uma grande variedade de casos de inadaptação escolar, mas nem todos precisam de tratamento com a psicanálise. Há aqueles que não tem sintomas com valor de mensagem, logo poderiam ser tratadas dentro do próprio sistema de educação, se esse tivesse condições de atendê-las, porém aquelas que possuem sintomas com valor de mensagem se não forem atendidas em um plano psicanalítico pode ter a situação agravada.

Em síntese, a autora finaliza a obra definindo que a primeira entrevista psicanalítica é um encontro com o próprio eu. A primeira entrevista é uma ordenação dos papéis, dos personagens para que sejam posteriormente trabalhados. O papel do psicanalista deve ser de ajudar o sujeito a se situar corretamente em relação a si próprio e aos outros. Para criança o tratamento com a psicanálise representa a possibilidade de se tornar um ser autônomo, não alienado no desejo dos pais.

Maud Mannoni é hábil em tratar desde uma perspectiva psicanalítica uma temática que é uma polémica atual. A autora consegue expressar isso de forma compreensível, coerente e organizada. A maneira como os casos são relatos e depois analisados permiti ao leitor compreender a abrangência e as variáveis envolvidas nos sintomas infantis. Uma leitura atenta da obra é um convite a reflexão e também a mudança, sobre tudo a responsabilização. Pode-se dizer que essa é uma característica marcante da obra, posicionar os atores/autores sociais de forma responsável, quer seja os pais, os professores, o psicanalista e até mesmo a própria criança. O que dialoga com o que Freud e Lacan afirmaram respectivamente: "Qual a sua responsabilidade na desordem da

qual você se queixa?” “Por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.”

A obra é relevante e o posicionamento da autora tem princípios em comum com grandes pensadores da educação. Como por exemplo, Paulo Freire em seu livro pedagogia da autonomia. Percebe-se que na sociedade pós-contemporânea está em voga medicalizar as crianças, diagnosticá-las e rotulá-las. Entretanto, o que se expressa como desajuste é na verdade uma maneira que elas encontram de se ajustarem a uma família disfuncional, muitas vezes a um sistema de educação deficitário e a uma sociedade que está mais preocupada com os rótulos do que com as particularidades de cada indivíduo. Quiçá não seja demasiado afirmar que a ênfase da sociedade atual esteja equivocada. A ênfase deveria ser deslocada do desajuste da criança para a estrutura onde essa criança se situa, quem sabe boa parte dos adultos não suportam o que está no plano do simbólico, para além do real. Logo, é mais confortável se apoiarem no sintoma da criança ou adolescente. E viver de mentiras, do não dito claramente. Uma frase de Platão ajuda a elucidar essa noção: “Podemos facilmente perdoar uma criança que tem medo do escuro; a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz.”